

POLÍTICA EXTERNA GETULISTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Alice Carneiro Siqueira, discente de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento

Bruno lury dos Reis Basílio, discente de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento

Maria Eduarda Xavier Vilella, discente de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento

Ana Eliria Bonafé de Moura, discente de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento

Rafael Balardim, docente de Relações Internacionais, Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento

E-mail primeiro autor – alicesiqueira.aluno@unipampa.edu.br

A presente pesquisa em andamento procura analisar como as relações diplomáticas brasileiras se desenvolveram no período da Segunda Guerra Mundial, decorrendo desde o período pré-guerra, momento em que o Brasil possuía boas relações com a Alemanha e os Estados Unidos, até o fim da política de “equidistância pragmática”, aplicada no governo de Getúlio Vargas para a consolidação da aliança com o governo norte-americano. Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), o Brasil tentava conciliar seus objetivos políticos com as economias da Alemanha e dos Estados Unidos. Após as consequências da crise de 1929 e as medidas protecionistas do *New Deal* (1933-1937), os Estados Unidos e a Alemanha passaram a propor visões diferente em relação as suas economias. Os americanos arriscaram o livre comércio novamente e, enquanto isso, na Alemanha, foi proposto um modelo de comércio de compensação. No Brasil, um plano de industrialização e modernização foi proposto por Getúlio Vargas e, assim, a política externa brasileira se voltou para essas finalidades, atentando-se para os países que pudessem cooperar com o desenvolvimento do país. Dessa forma, esse projeto busca contribuir para o debate e o estudo acadêmico a respeito da Política Externa Brasileira considerando as decisões tomadas no governo de Getúlio Vargas durante o período da Segunda Guerra Mundial. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar as influências para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o fim da política de “equidistância pragmática” e tem como objetivos específicos: a) analisar a posição do Governo Vargas frente a guerra e rompimento das relações diplomáticas com o Eixo; b) apresentar os principais acordos feitos entre o Brasil e os Estados Unidos, analisando a conduta da diplomacia brasileira durante a guerra; c) analisar se os objetivos políticos brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial foram alcançados. A metodologia aplicada consiste em uma pesquisa de natureza básica, utilizando-se de fontes primárias e secundárias. Por meio dos sites do governo, que são utilizados para a pesquisa com documentos oficiais (fontes primárias), e pesquisas bibliográficas (fontes secundárias). Os resultados parciais da pesquisa até o momento reconhecem que em uma tentativa de conciliar seus interesses políticos e econômicos, Vargas desenvolveu a política de “equidistância pragmática” que consistia em manter boas relações e negociar com os governos norte-americano e alemão. Mesmo que a adoção dessa política tenha sido muito favorável ao país, a guerra estava se estendendo e com a Alemanha e os Estados Unidos lutando em lados opostos, Vargas

encontrou-se em uma posição de escolher um dos lados. Em 1942, após o ataque japonês à *Pearl Harbor*, no Oceano Pacífico, foi realizada a Conferência do Rio de Janeiro com a finalidade de estabelecer os ajustes a respeito do rompimento das relações diplomáticas dos países da América no que diz respeito aos países pertencentes ao Eixo. Na abertura da Conferência, o presidente Getúlio Vargas, em seu discurso, assegurou a cooperação do Brasil na unidade continental, consolidando a aliança com o governo norte-americano. Entre as razões que motivaram a decisão do Brasil em escolher os Aliados, pode-se citar a impossibilidade da comercialização com a Alemanha devido ao bloqueio britânico. Além disso, havia a proximidade histórica que o governo norte americano fez uso para conseguir o sustento e construir a base do seu ideal de hegemonia continental e a “política da boa vizinhança”. Assim, com uma participação ativa no conflito, o Brasil buscou alcançar benefícios que poderiam ser providos pela guerra e, dessa forma, atingir, através de acordos, seus propósitos políticos.

Agradecimentos: NaPEB (Núcleo de Análise da Política Externa Brasileira); GEELAm (Grupo de Estudos Estratégicos Latino-Americano); Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação; UNIPAMPA.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Diplomacia, Política Externa Brasileira; Governo Vargas.